

Atividades Básicas de Engenharia na Atual Conjuntura Brasileira (*)

Prof. Fernando E. Barata
Presidente da A³P

O que fazer para enfrentar a grande onda de desesperança e pessimismo gerada, nos jovens engenheiros brasileiros, em decorrência da recessão? Como manter a Engenharia Brasileira em nível de qualidade adequado? Como nos prepararmos para a retomada das atividades normais, quando essa hora chegar? Seguem algumas sugestões:

1º) Há que manter um otimismo e esperança permanentes, que derivam da certeza de nossas grandes potencialidades – somos um país enorme, possuidor de riquezas minerais e vegetais inconmensuráveis; estamos integrados no mundo ocidental e imbuídos da cultura ocidental, capaz de produzir grandes benefícios e permitir o aperfeiçoamento (material e espiritual) dos seres humanos.

2º) Precisamos perceber que a crise e os momentos difíceis que o país atravessa não se comparam a situações muito mais desastrosas, já vividas em circunstâncias muito mais graves, ao longo da História, por diversas nações deste mundo. Devemos ser mais realistas e menos “chorões”.

3º) É evidente que cabe ao Governo do país, Executivo e Legislativo, realizar as tarefas mais importantes, no sentido de resolver os problemas econômicos e sociais do país e reorganizá-lo. Mas cabe à Sociedade Civil, em conjunto, colaborar, material e moralmente, para que os problemas possam ser absorvidos e resolvidos. Governantes e Governados têm que trabalhar unidos e com os mesmos objetivos.

4º) Os Engenheiros não podem continuar como meros instrumentos de ação – eles têm que ser, também, elementos de concepção, planejamento, discussão e decisão sobre o que é mais útil, prioritário e efetivo para o país, e qual o ritmo da sua implementação.

5º) Há atividades básicas de Engenheiros que podem ser realizadas sem grandes investimentos financeiros, como sejam: construção de moradias para as camadas pobres da nação; saneamento de áreas marginais, dos alagados e das favelas miseráveis; abertura de pequenas estradas vicinais e rurais, e sua pavimentação (de baixo custo); construção de pequenas barragens e

açúdes, e de redes e sistemas de abastecimento e irrigação.

6º) Os Cursos de Extensão e Especialização têm que continuar, a despeito da pouca procura atual.

7º) Cuidados especiais deverão ser dedicados aos jovens engenheiros, mais brilhantes e promissores; cabe, aos professores e aos engenheiros responsáveis, descobrir e detectar os verdadeiros talentos, apoiá-los, incentivá-los e encaminhá-los.

8º) A pesquisa científica e tecnológica “de ponta” tem que ser mantida, a despeito das dificuldades econômicas do momento. Os centros de pesquisa universitária de excelência têm que ser preservados, a todo custo, e estimulados.

9º) As reuniões técnicas e os congressos periódicos devem continuar e ser incentivados.

10º) É fundamental a consciência de que todos devemos continuar trabalhando, estudando muito e pesquisando.

(*) Trechos resumidos da Palestra realizada no encerramento do 8º COBRAMSEF, em SALVADOR, BA - 09/11/1990

Casimiro de Abreu e a Escola Politécnica (Parte 4)

Paulo Pardal
Membro do Conselho Diretor da A³P e do
IHGB e ex-Diretor da Casa de Casimiro de Abreu (76/86)

3 — A casa de Casimiro de Abreu dirigida por um engenheiro

A 4 de janeiro de 1957, um decreto estadual criou a Casa de Casimiro de Abreu; mas as obras de recuperação do imóvel onde nasceu o poeta, então em ruínas, somente tiveram início de 1964, realizadas pelo Estado do Rio de Janeiro, com auxílio do SPHAN — que tombou o imóvel em 1963 — e foram concluídas em 1972, não tendo sido reconstruído o corpo posterior do prédio, que ia até o rio São João. A necessidade de complementação de detalhes fez com que as obras fossem retomadas em fins de 1973, sendo a Casa inaugurada em junho de 1974 e entregue à responsabilidade da FLUMITUR.

A Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (FEMURJ), criada em 9 de abril de 1975 para administrar os museus e casas de cultura pertencentes aos antigos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, absorveu a Casa de Casimiro de Abreu, que lhe foi entregue em dezembro de 1975. Até então, a Casa não possuía um diretor. Procurou-se em elemento que pudesse garantir as atividades multidisciplinares de uma casa de cultura, em uma vila de 4.000 habitantes, que sequer cinema possui. Deveria ter livre trânsito junto às autoridades municipais e a órgãos de esfera estadual e federal, bem como os de divulgação, que pudessem ser convocados para auxiliar as referidas atividades, além de, naturalmente, algum gosto literário e tempo disponível. Obviamente, esse homem não existia na pequena localidade. Conclusão: caiu-me a tarefa nos ombros, por ser, desde 1962, apaixonado frequentador de Barra de São João por cuja preservação dos aspectos histórico-culturais sempre me bati.

A Casa de Casimiro de Abreu situa-se a 100m da Rodovia Amaral Peixoto, na "Beira-Rio", na margem esquerda do São João, que ali tem mais de 100m de largura, com sua margem direita bordada por árvores de 2m de altura denominadas "mangue" (*Rhizophora mangle*), prosseguidas por mata cerrada até, a poucas dezenas de Km, a imponente silhueta do Morro de São João — ou Morro Grande — com 800m de altura. Próxima também está a Serra do Iriri e, no horizonte, a Serra do Mar e seus contra-fortes, em vários planos. O conjunto é de rara beleza.

O imóvel deve datar da primeira metade do século XIX, quando houve maior expansão comercial de Barra de São João, e consta da "Planta da Villa de Barra de São João" que aparece na margem da "Carta Chorographica da Provincia do Rio de Janeiro" (...) Encaregada aos Engenheiros Pedro d'Alcantara Bellegarde e Conrado Jacob de Niemeyer. 1858 a 1961", da qual há um exemplar, original, na Casa de Casimiro de Abreu. Bellegarde, em 1858, era Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros e professor do 7º ano da Escola Militar da Corte, transformada então em Escola Central, onde, como vimos, estudou Casimiro, que tal-

vez tenha cruzado, sem saber, com o responsável pela primeira planta de sua vila.

A casa onde nasceu o poeta pertenceu a seu pai, comerciante português, e era conhecida como "O Trapiche" pois sua parte central servia de depósito de produtos — principalmente madeira — que desciam o rio São João para serem reembarcados para o Rio de Janeiro. Os cômodos laterais eram de moradia e para o comércio e varejo. Devido à sua serventia, é o único dos antigos imóveis da vila com o eixo longitudinal perpendicular ao rio São João, no qual, para facilitar o desembarque de mercadorias, tovaça seu corpo posterior, ligeiramente menor, em largura e altura do que o corpo anterior, o único reconstruído.

Seu amplo salão central, sem forro, tem a cumeeira a 8m de altura e suas paredes, de 55 cm de espessura as externas, são amarradas por 12 pilares de seção quadrada, com 1m de lado. Assim, o visual do imóvel supre a modéstia do seu acervo museológico — pois era comum, no século passado, a queima dos pertences daqueles que faleciam vítimas da tuberculose, como Casimiro — o que, aliás, não é importante, pois a substituição é mais uma casa de cultura do que um museu.

O salão central está preenchido por três antigas viaturas — carroça, faetonte e um raro t'lburi de quatro rodas — que, deslocadas para o fundo do espaço, liberam o ambiente necessário a atividades várias: palestras, cursos, exposições, etc. Nas salas laterais, uma reúne objetos referentes a Casimiro, havendo ainda biblioteca, sala de reuniões e as de serviços.

Ao ser incorporada à FEMURJ, algumas obras complementares foram realizadas na Casa, dentre elas a melhor divisão interna do espaço destinado a serviços e o encachorramento do beiral do telhado, dando-lhe a galba característica dos imóveis tradicionais da região; a substituição das portas, que eram de friso — táboas de 10 cm de largura — por táboas de 30 cm, bem como a colocação de folhas cegas das janelas, no mesmo estilo; etc. O túmulo do poeta foi reformado, voltando à sua digna simplicidade primitiva e readquirindo as quatro pombas que tradicionalmente o ornavam. Também fixada foi a campã, impedindo que curiosos a afastassem, expondo os despojos do poeta. Doações foram feitas melhorando o acervo da Casa. Apelo transmitido por Carlos Drummond de Andrade, em uma de suas crônicas sobre Casimiro, muito colaborou para a doação de livros que foram tombados, atingindo hoje mais de 4 mil exemplares, bastante utilizados pela comunidade, especialmente escolares.

As atividades culturais da Casa compreendem palestras e cursos, reuniões comemorativas das datas de nascimento e morte de seu patrono, com distribuição de prêmios — inclusive, o **Casimiro de Abreu** — a escolares do município, expo-

sições, concursos, incremento a folguedos folclóricos locais, sessões de cinema e de teatro infantil, atividades de criatividade infanto-juvenil, etc.

Dentro os eventos ligados ao poeta de **As Primaveras** avultou a comemoração do 140º aniversário de seu nascimento,⁽¹³⁾ com o ciclo de palestras "Permanência e Atualidade de Casimiro de Abreu" em jan/fev de 1979, quando nove professores universitários do maior gabarito abordaram, em quatro horas diárias, os principais aspectos da obra casimiriana. Em 1983 houve a exposição "Casimiro de Abreu, sua obra e seu ambiente", com cerca de 50 livros de e sobre o poeta, telas a óleo, gravuras e posters da Barra de São João e do Rio de Janeiro da época de Casimiro.

Dentre os eventos artísticos, merecem destaque: as exposições de quadros e de fotografias sobre Barra de São João e as de artesãos desta vila; os cursos de desenho e pintura; o concurso de pintura e fotografia tendo como tema a vida ou a obra de Casimiro, com 102 trabalhos apresentados, metade dos quais foi selecionada pelo júri, presidido pelo então diretor do Museu Nacional de Belas Artes; a gincana artística com 80 participantes, em sua maioria do Rio de Janeiro.

Na defesa do meio ambiente destacaram-se: a obtenção de um plano — do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, INEPAC — para a preservação dos bens imóveis de interesse histórico e arquitetônico e sua transformação em lei municipal; e a defesa da ecologia do rio São João, ameaçada pela instalação de uma usina de álcool em suas proximidades, com a possibilidade de despejo de vinhoto neste rio e conseqüente prejuízo para os pescadores e para as atividades turísticas, base econômica da região. A FEEMA, alertada, pôde tomar as providências cabíveis e reconheceu a colaboração da comunidade na fiscalização da poluição local, conforme palestras proferidas na Casa de Casimiro de Abreu, em diferentes ocasiões, pelo Presidente e pelo Diretor de Controle da Poluição desse órgão, este último — Vitor Monteiro Barbosa Coelho — mais um ex-aluno da Escola Nacional de Engenharia atento colaborador do berço do poeta.

A referida campanha abrangeu vários eventos. A realização de filmes documentários, 35 mm, pelo cineasta Roland Henze: "O Grito do Rio" e "Casimiro, o Poeta", este com roteiro e texto do Diretor da Casa. A exposição "Barra de São João — Um Modelo Ecológico", com exemplares de sambaqui, de conchas e da petrografia da região, bom como fotos de seus exemplares vegetais e animais, montada graças à colaboração do Museu Nacional, e também apresentada em Macaé. A mostra "Rio São João — O Rio do Poeta", com oito quadros de Pancetti, de sua fase Barra de São João, e 40 fotos coloridas de Armando Rozário, apresentada, sob patrocínio de COMIND e Rede Globo de Televisão, em São Paulo, Rio de Janeiro e na Casa de Casimiro de Abreu, depois estendida a Macaé e Cabo Frio. De artigo de Frederico Moraes, em **O Globo**, sobre essa exposição, extrai: "(...) Casimiro sua poesia esparramada de emoção (...) vanguarda de uma luta contra a poluição".

EXPEDIENTE:

O Boletim da A³P e uma publicação da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica e está aberto à participação dos associados da mesma.

Editor: Sérgio H. Sá Leitão Filho

Diagramação e Impressão na Maio Gráfica Editora Ltda.

Logotipo: Marcelo Pereira

Correspondência e Publicidade: Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, Largo de São Francisco s/nº, Centro, Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 221-2936.

As opiniões expressas em artigos assinados, são de responsabilidade de seus autores.

13. Após redigir esta matéria, anoto que em 4 de janeiro de 1989, a Casa realizou a primeira sessão comemorativa do sesquicentenário de nascimento do poeta, com a distribuição de medalhas com sua efígie. **O Jornal de História e Geografia**, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em seu número de jan./fev. 1989, publicou a matéria "Casimiro de Abreu, 150 Anos" por mim assinada.

Essa sentença expressa a realidade; o que a Casa conseguiu realizar se deve ao renome de seu patrono, o que comprova que a cultura é um bem mais elevado do que o poder e a riqueza: a grande maioria dos ricos e poderosos da época do poeta estão esquecidos, mas ele não o será jamais, pois captou a alma do povo, em seu universal anseio de amor.

Essas realizações se devem também ao apoio: de um grupo de intelectuais que frequenta Barra de São João – professores universitários, artistas plásticos, jornalistas, etc.; de órgãos de divulgação – principalmente a Rede Globo de Televisão; das autoridades municipais e, obviamente, da Superintendência de Museus da FUNARJ, órgão da Secretaria de Estado de Educação e Cultura que sucedeu, em 1980, à FEMURJ.

Todos comungam com Carlos Drummond de Andrade, que tão bem escreveu, em uma de suas crônicas sobre o poeta: "Casimiro é patrimônio emocional do país. Vamos acarinhá-lo na lembrança".

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Sóter Caio de (João da Escola). **Ex-tudo**. Rio de Janeiro, 1916. 273 p.
- ARQUIVO Histórico do Centro de Tecnologia da UFRJ (Livro de Atas da Congregação).
- ARQUIVO Nacional (Livro de Assentamentos de alunos da Escola Central).
- BARATA, Mario **Escola Politécnica do Largo de São Francisco – Berço da engenharia brasileira**. Rio de Janeiro, Assoc. Antigos Alunos Politécnica e Clube de Engenharia, 1973. 136 p.
- BRITO F. Francisco, Saturnino de. **A Engenharia no Brasil**. Rio de Janeiro, Federação Brasileira de Engenheiros/1º Congresso Panamericano de Engenharia, 1949. 54 p., il.
- BRUZZI, Nilo. **Casimiro de Abreu**. 2 ed. rev., com apêndice. Rio de Janeiro, Aurora, 1957. 298 p.
- JUBILEU da **Escola Polytechnica do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, 1926. 241 p.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. **Poesia e vida de Casimiro de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro LISA/INL, 1972. 293 p.
- NOBERTO, J. **Obras Completas de Casimiro José Marques de Abreu**. Nova edição mais correta e documentada. Rio-Paris, H. Garnier, s.d.
- PARDAL, Paulo. Barra de São João, Berço de Casimiro de Abreu. **Educação**, Brasília, 8 (32): 2-20, out/dez 1979.
- Primórdios do Ensino da Engenharia no Rio de Janeiro. **Boletim da Assoc. Antigos Alunos Politécnica**, Rio de Janeiro, 22 (80): 7-8, jan/mar 1983.
- SENNA, Homero. O Problema da Língua brasileira. In: **República das Letras**. 2. ed. Rio de Janeiro, Gráf. Olímpica, 1968. p. 147-165.
- SILVA, Maximiano de Carvalho e. **Souza da Silveira – O homem e a obra**. Niterói, 1981. 377 p.
- SILVEIRA, A.F. Sousa da. **Obras completas de Casimiro de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro, MEC, 1955. 471 p.

A engenharia brasileira no início da República (1)

Por Sydney M.G. dos Santos
Prof. Emérito EE-UFRJ

No primeiro Congresso Panamericano de Engenharia que se realizou no Rio de Janeiro em 1949, o professor F. Saturnino de Brito Filho apresentou uma memória sobre "A Engenharia no Brasil".

Em proposição pioneira considerou "três fases na sua evolução", antecedendo a época atual contemporânea. Ele assim as classificou: era precursora, fase do enciclopedismo e fase da especialização.

Aceitando essa apresentação, podemos identificá-la com períodos históricos, com delimitações mais ou menos coincidentes: engenharia no Brasil colonial, no Império, na República Velha e na Época Atual.

Em rápido bosquejo é possível bem caracterizar a essência de cada uma, mas com transição menos clara na passagem de uma para outra fase. De uma delas nos ocuparemos especialmente: o status de nossa engenharia militante quando foi proclamada a República. Consta-se que a rotina profissional que vinha do império ainda se manteve muito forte, principalmente em ferroviária, que propiciara forte papel na exportação cafeeira, mantendo ainda até o início do século XX, as únicas instalações portuárias que André Rebouças iniciara na década de 1880.

Procuremos bem caracterizar aquelas 4 fases.

Na época colonial a atuação da Metrópole foi de lúdimia geopolítica: linhas de Governo condicionadas à geografia. Aquisição territorial, definição de fronteiras, na direção do preceito Ratzeliano de que "espaço é poder". Paralelamente evoluiu a edificação pública, a construção civil e um número considerável de obras militares. Basta citar que em dois séculos de colonização, Portugal realizou só na Amazônia cerca de 37 fortes e fortalezas diversas.

Serviços de abastecimento d'água foram executados em algumas cidades, aparecendo como realização colonial os arcos do Rio de Janeiro. A engenharia era essencialmente militar, com construtores civis na edificação urbana. Teodoro Sampaio aponta Luiz Dias, "hábil construtor", como "primeiro engenheiro nesta terra". Grande nome da época é José Fernandes Pinto Alpoim.

O Império seguiu a mesma rotina até 1854, quando principiou o surto ferroviário, com a primeira estrada de Mauá. Mediante a instituição de garantia de juros, iniciou-se a construção da estrada de ferro D. Pedro II, com engenheiros ingleses e americanos: Price, Garnett e os irmãos Ellison, inicialmente em condições extremamente da-

nas para o erário público, depois saneadas pelas ação de Cristiano Ottoni. Formou-se autêntica escola de ferroviários brasileiros, cujos nomes se encontram hoje batizando estações em nossas estradas (Herculano V. Ferreira Pena, Tomás W. da Gama Cochrane, J.R. Gambaó, Henrique Scheid, A Tievê, G. Gama Bentes, Teixeira Soares, F. Pereira Passos, França Leite). Vários engenheiros militares atuavam em áreas de hidráulica urbana (Jeronimo Morais Jardim, Raimundo José da Cunha Matos, Pedro Belegard, Beaurepaire Rohan) e em funções ministerais. A ferroviária era a nota dominante, mas os engenheiros passavam também para atividades distintas na área civil. O exemplo mais acentuado do enciclopedismo funcional é Marcelino Ramos que trabalhou na ferroviária, em triangulação, em saneamento, em cartografia, em hidrografia e em melhoramentos urbanos, chegando até a fase republicana.

Rodoviária começou com Mariano Procópio, renovando caminhos antigos. São de citar-se em fins do Império os dois irmãos Bicalho, Francisco (executante do canal Campos-Macaé) e Honório, a grande figura do porto do Rio Grande.

São figuras de engenheiros, com que conta a República ao se proclamada: militantes de obras civis, área não exclusiva contudo. Herdaremos do Império a construção naval, que atingira surto importante com Mauá na Ponta de Areia. E discreta indústria siderúrgica, como auxiliar. A indústria de tecelagem também se desenvolveu de modo pleno: porém, era a engenharia civil a dominante e nela os engenheiros passavam de um ramo a outro dentro de sua órbita. Foi com essa panorama profissional que entramos em 1889. A portuária atrasada, os serviços nos portos usando alvarengas para embarque e desembarques. Santos teve seu primeiro cais em 1895, e o Rio de Janeiro, contava com as realizações do tempo de Rebouças. Obra importante recebida do Império foi o reservatório do Pedregulho com a adução da água de S. Pedro.

A República arrefeceu o surto ferroviário, que cederia mais adiante logar a extensa construção rodoviária. A intensificação urbanística foi a nota dominante com a modernização de capital, e a aparição de novos nomes de profissionais eminentes continuadores dos enciclopedistas da época anterior (Paulo de Frontin, Gabriel Osório de Almeida, A.F. Paula Souza, Carlos Sampaio, Guilherme Weinsehenk, Arrojado Lisboa, Hermilo Alves, Oliveira Bulhões, Sampaio Correia, Pandiá Calógeras), que as condições econômicas enca-minharam para áreas de atuação mais definidas.

Firmou-se uma tendência à especialização profissional. O exemplo mais característico dessa época foi o engenheiro Saturnino de Brito, que se tornou o maior especialista em engenharia sanitária, iniciando ampla atuação em muitas cidades totalmente carentes de esgotos.

A rodoviária determinaria outro ramo de especialização, que se acentuou com a criação dos departamentos de estradas nos Estados.

As escolas sentiram a pressão ambiente e a engenharia deixou de ser uma profissão única e passa a uma constelação de profissões: engenharia civil, mecânica, elétrica, naval, metalúrgica, aeronáutica, industrial, química, engenharia de alimentos, de tecelagem, de sistemas, biomédica, de manutenção, e dentro de cada ramo inúmeras sub-especializações. Os cursos sofrem dicotomia quase que todo o ano, e a tal ponto que perdem entre si as afinidades que a palavra engenharia é suposta significar.

Esse é o panorama atual da profissão no país, refletindo um ambiente universal, com um algum retardo, pois que o surto progressista nas grandes nações não nos permitem acompanhar o "gap" que no-las distanciam. O que todos sentimos é necessidade ingente de esforço nessa direção.

Para bem fixar esse aspecto lembremos um ramo de engenharia civil em que atingimos nível promissor: a engenharia estrutural e a grande obra pública. Temos realizado trabalho de repercussão eminente, e procuramos atualização nos processos de projeto e também na execução. Daí a consecução de um melhor avanço. Mas a aceleração nos métodos computacionais é tão veloz, que ligeira defasagem ainda se registra, menor contudo que noutras áreas.

Lembremos como homenagem final alguns nomes de projetistas eminentes, dessas especialidades em que estamos integrados: Henrique Novais, Emilio Baumgart, Humberto Fonseca, Antonio Alves Noronha, Artur Rocha, Feliciano Pena Chaves, Mauricio Joppart, dentre os que já se foram.

Terminamos, para ser coerentes com o tema "centenário da República", que ela recebeu um acervo técnico profissional do Império, compatível com o papel econômico discreto que desempenhamos na época, e ao qual cumpre fazer justiça.

(1) Breve resenha da Conferência realizada na Associação de Antigos alunos da Politécnica em 4-10-1989.

Uma figura exponencial

Prof. Costa Nunes

O engenheiro, por sua formação matemática, habitua-se a manusear somas e seus termos ou elementos componentes, os fatores de uma multiplicação, e as potências com seus expoentes.

Passando da linguagem matemática para a coloquial, diz-se que expoente é o representante notável de uma profissão ou um ramo do saber.

Nós, os engenheiros, pertencemos a uma profissão de excepcional significado, cuja missão é a de construir, desde peças de máquinas ou edifícios, até toda a infraestrutura de uma nação. Elementos singulares, como indivíduos e engenheiros, somados, constituímos uma fantástica força de trabalho. Alguns dentre nós, como líderes, dirigentes, seja em empresas ou equipes de trabalho, atuamos como fatores multiplicadores de parcelas desta força de trabalho. Como tal, diversos colegas nossos ganharam destaque e reconhecimento da coletividade.

Mas poucos, muito poucos, alcançaram o patamar de expoente da profissão e da cultura nacional.

Contamos, em nossa gloriosa Escola de Engenharia, com algumas das figuras de maior realce de nossa profissão no país. E, dentre estas figuras, umas poucas são verdadeiros expoentes da engenharia pátria.

Quero, neste momento, reportar-me a duas figuras extraordinárias, que admirei e com que tive a ventura de conviver e privar da amizade por longos anos: Maurício Joppert da Silva e Antônio José da Costa Nunes.

Do primeiro, em 10 de junho próximo comemoraremos o centenário do seu nascimento. Haverá então azada oportunidade

de reverenciar-lhe a memória.

Focalizarei agora o vulto de Antônio José da Costa Nunes, prematuramente falecido no dia 3 de agosto de 1990.

Não cometerei a temeridade de discorrer em sua amplitude sobre este monumento de nossa engenharia que se chama Prof. Costa Nunes. O risco seria enorme, salvo se me baseasse nos pronunciamentos do Presidente da A³P, Prof. Fernando Emmanuel Barata, e dos Profs. Sydney Martins Gomes dos Santos, Dirceu de Alencar Veloso, Francis Bogossian, e vários outros oradores e articulistas que recentemente se aprofundaram na matéria. E, neste caso, seria plágio, a que não me proponho.

Desejo, sim, neste canto do Boletim A³P – que juntamente com Costa Nunes e outros companheiros ajudamos a fundar – trazer o meu testemunho do especial significado que esta figura exponencial da engenharia brasileira teve para nossa Associação dos Antigos Alunos, a A³P.

Quando, a partir de 1955, nos empenhamos em agregar professores e ex-alunos da então Escola Nacional de Engenharia, Costa Nunes emprestou à causa apoio integral e foi um dos seus principais articuladores. Colaborou intensamente nos contactos, entendimentos e providências que culminaram com a reativação e crescimento da A³P, junto aos membros da Congregação da Escola, seu Diretor, Prof. Rufino de Almeida Pizarro, seu vice-Diretor, Prof. Cesar Cantanhede, com o Reitor Pedro Calmon, e com outras personalidades e autoridades. E, desta forma, sem esmorecimento, prosseguiu até o final de sua proflua existência.

Era com dedicação e invulgar eficiên-

cia que atendia aos chamamentos que lhe fazíamos, ministrando e coordenando Cursos, participando do Conselho Diretor e de Comissões e, por muito anos, exercendo a Diretoria de Cursos. Finalmente, considero o ponto alto de minha última gestão conseguir, após reiterados apelos, a aquiescência do Prof. Costa Nunes em candidatar-se à Presidência da A³P. E foi um excelente Presidente.

Diffícil é para nós da A³P expressar a lacuna que deixa o Prof. Costa Nunes. No que concerne à engenharia e ao país, faço minha a observação do nosso Presidente Fernando Barata – “A engenharia brasileira teve duas figuras exponenciais que marcaram este século da nossa história – na primeira metade, o Prof. Maurício Joppert da Silva, e nesta segunda, o Prof. Antônio José da Costa Nunes”.

Cumprе acrescentar a este elenco o vulto grandioso de André Gustavo Paulo de Frontin – patrono da engenharia brasileira – aclamado como tal em convenção nacional de engenheiros, realizada em Curitiba em 1972, da qual participei. Embora alcançando a década dos 30, Paulo de Frontin teve boa parte de sua vibrante atuação localizada na segunda metade do século passado, e aí poderíamos catalogá-lo para efeito desta cronologia.

Joppert e Costa Nunes, foram ambos vultos tutelares da A³P, que muito se orgulha de tê-los tido como seus líderes, Presidentes e Sócios Beneméritos.

Leizer Lerner

(Presidente de Honra da A³P)

Falecimento do Prof. Eng.º Homero Pinto Caputo

Faleceu no dia 19 de outubro de 1990, o Prof. Eng.º HOMERO PINTO CAPUTO. Perdeu a Engenharia Brasileira – e, em particular, a Geotécnica – um dos seus mais ilustres componentes. CAPUTO formou-se na Escola Nacional de Engenharia (Largo de São Francisco), em 1946. Ainda aluno, foi monitor de cálculo e, a vida toda, foi um apaixonado da Matemática. Engenheiro, foi trabalhar na firma ESTACAS FRANKI, vindo a se dedi-

car às Fundações e à Mecânica dos Solos. Foi destacado Professor da área de Geotécnica – de início (1951) na PUC e em nossa Escola (assistente do Prof. MARIO BRANDI PEREIRA). Em 1955/56, foi organizar a cadeira de Mecânica dos Solos, da Faculdade Fluminense de Engenharia, onde foi catedrático (titular) e lecionou até o fim de seus dias. Escreveu importante livro didático sobre Mecânica dos Solos, que foi (e continua sendo)

útil a diversas gerações de engenheiros. Foi engenheiro do DNER, onde ocupou cargos importantes. Era prêmio TARZAGHI (1968) da ABMS.

Além das qualidades profissionais e didáticas, destacou-se pelo seu precioso caráter, sua generosidade e sensibilidade humana. Nossos votos de pesar pela perda do brilhante colega, amigo e companheiro de todos nós.

SEPARATA DO BOLETIM A³P, Nº 110 - JUL/90 A MAR/91CALENDÁRIO DOS SÓCIOS ANIVERSARIANTES

A todos os companheiros, que aniversariam em abril, maio e junho, nossos afetuosos abraços, acompanhados dos melhores votos de felicidades.

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE ABRIL

- | | |
|---|---|
| 01- Léo Izecksohn (50) 295-1627 | 12- Vitor Carvalho Faria (70)
242-2979 |
| 02- Iracy Ozorio da Cruz (46)
274-8779 | 14- Marcilio Nolding da Motta (41)
396-9115 e 228-2853 |
| 03- Alberto de Lacerda Werneck (44)
551-7916 | 15- Cristovão Leite de Castro (27)
225-5383 |
| - Francis Bogossian (65) 247-1902 | - Donald Stewart Junior (55)
224-8552 |
| 04- Antonio Carlos Pantoja Franco
(61) 246-1952 | - Paulo Carneiro da Cunha (46)
287-6521 |
| - Moacyr Brajterman (66) 225-2679 | 18- Auny Chaves Lopes (58) 249-6181 |
| - Paulo Luiz Rodrigues de Souza
(44) 257-9829 | 19- Léo Fabiano Baur Reis (55)
254-5736 |
| 05- Jayme Kritz (35) 742-5212 - Tere-
sopolis-RJ | 21- Carlos Ferreira Campos (54)
268-0816 |
| - Paulo Ferreira de Souza Filho
(52) 287-2815 | - Manuel de Almeida Martins (71)
259-5457 |
| 07- Bernardo Griner (53) 256-5715 | 22- Hilda Ferreira Adão (58)
254-1774 |
| - Francisco de Assis Silva Barreto
(68) 296-6101 | - Waldyr Gomes da Silva (54)
391-2269 |
| - Jomar Duarte (52) 267-8182 | - Werther Luiz Muller de Mattos
(46) 236-4112 |
| - Luiz Fernando Victor Rodrigues
(54) 274-2450 | 24- Henrique Sergio Melman (53)
551-2442 |
| - Paulo José Poggi da S. Pereira
(55) 287-9770 | 25- Ivo Ferdinando Merlin (44) |
| 08- Jardy Sellos Correa (48)
264-8843 | 30- Alvaro Cesar Café (49) 227-4080 |
| 10- Daniel Padilla Gil (284-7264) | - Octavio Reis de Cantanhede Al-
meida (35) 255-8894 |
| - Heitor Augusto de Moura Estevão
(57) 262-5897 | |
| 11- Kurt Homburger (54) 542-2171 | |

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE MAIO

- | | |
|--|--|
| 01- Benedicto Celestino Veiros Fer-
reira (35) 294-3833 | - Mariana Salvador Correia de Oli-
veira (46) 259-3217 |
| - Durval Coutinho Lobo (33)
227-2880 | - João Canellas Pires de Mello
(58) 266-6777 |
| - Paulo Vieira Bellotti (54) | 12- Airton Duarte Carneiro (76)
275-5386 |
| - William Paulo Maciel (49)
259-3181 | - Jaime Rotstein (51) 239-1850 |
| 02- Abel Henriques de Figueiredo
(48) 254-5286 | - Elazar David Levy (46) 247-2512 |
| - José Julio Prata Gomes (76)
246-5782 | - José Eduardo Pimentel (50) |
| 05- Israel Benjamin Rochlin (55)
239-2117 | 13- Akiba Schechtman (50) 245-4766 |
| 06- Jesse Cortines Peixoto (40)
711-0152 - Niteroi-RJ | - Augusto Paranhos Fontenelle (13)
237-0029 |
| 07- Reinaldo Rodrigues de Carvalho
(42) 236-5319 | - Jayme Kreimer (61) 294-4614 |
| 10- Antonio de Vasconcelos (46) | - Nelson Jorge Santos de Bödt (55)
266-4858 |
| 11- Emilio Claudio Lemme (55)
264-6837 | 15- Adolf Goldberg (50) 287-6101 |
| | 16- Décio de Oliveira Araujo (56)
711-0597 - Niteroi-RJ |
| | 17- Fernando da Fonseca Martins
(58) 294-5295 |

- | | |
|---|--|
| 18- Leon Ejzemberg (58) 239-9268 | 25- Armando Klabin (55) 225-3618 |
| 19- Mario Araujo Arruda Albuquerque
(47) 396-1900 | - Marcus Peigas Pacheco (73) |
| - Valdir Coimbra de Bittencourt
Cotrim (39) 226-2266 | 26- Fernando Sarto (52) 551-0935 |
| 20- José Bragança Pinheiro (56) | 27- Frank Schaeffer (43) 267-6601 |
| - Tércio de Souto Costa (35)
274-1713 | - Gilberto Morand Paixão (54)
322-4149 |
| 21- Amaury Martins de Araujo (46)
257-9175 | 28- Darc Francisco da Costa (46)
551-0725 |
| 22- Dirceu Pacheco de Toledo (71)
717-5958 | - Joberto Macedo Pimentel (52)
259-3612 |
| 24- Humberto Pate (54) 274-1763 | 30- Fernando Monteiro de Moraes
(69) 248-1727 |
| - Mario Penna Bhering (45)
221-2636 | 31- Israel Blajberg (68) 268-2210 e
288-5160 |

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE JUNHO

- | | |
|--|--|
| 01- Ruwin Zew Lejbus Abramowicz
(55) 255-2867 | 14- Ary Figueiredo de Medeiros (66)
357-1134 |
| - Zeferino Martins de Oliveira
(66) 246-7403 | 15- Fernando Wilson Peres (55)
711-6799 |
| 02- Salo Brand (30) 265-1026 | - Roberto Arnaldo Nudelman (75)
222-5934 |
| 05- Aguinaldo Barbosa Romero (68)
249-8495 | 16- Lourival Almeida do Valle (46) |
| 06- Heitor Lisboa de Araujo Costa
(46) 552-0383 | 17- Anna Margarida da Costa Couto e
Fonseca (56) 274-7035 |
| - Luiz Ghitnick (55) 551-5608 | - Jayme Bloch (44) 551-2715 |
| - Margarida Maria Mont'Alverne
Martinez (77) 247-2673 | - Paulo Gentile de Carvalho Mello
(44) 259-9566 |
| 07- Antonio Manuel de Siqueira Ca-
valcanti (35) 551-3868 | 18- Carlos Durra (70) 258-6751 |
| 08- Antonio Carlos Barbosa Teixeira
(50) 205-1480 | - José Madeira Soares (55)
268-5729 |
| - Walter Hart (75) 227-3811 | - Marcio Marques Moreira (55)
551-4017 |
| - Zegert Johannes Rooij (43)
710-6532 | - Michel Dib Chacur (47) 225-1713 |
| 09- Ary Jayme Ferreira (62) 541-3408 | 19- João Alberto Bandeira de Mello
(55) 259-6459 |
| - Luiz Ribeiro Soares (27)
227-6503 | 20- Boruch Milman (49) 240-8050 |
| - Rodolpho Luiz Darigo (55) | 21- Theophilo Benedicto Ottoni Netto
(44) 393-8079 |
| 11- Jorge Luiz Barroso Antunes (68)
288-8637 | 22- Herman Glanz (58) 234-9143 |
| - Nelson Correa Monteiro (33)
287-7643 | 23- Tarciso José Villela (39/40)
551-6565 |
| - Sergio Henrique Sã Leitão (59)
287-5211 | 24- Geraldo Neiva (34) 268-6468 |
| 12- Albert Amand de Berredo Bontten-
tuit (52) 265-3746 | 25- Julio Xavier Rangel (59) |
| - Carlos Danilo Castelo Branco
(58) 242-4515 | 26- José Couri Netto (67) 236-7701 |
| - Helio Mello de Almeida (43)
287-8669 | - Saul Fuks (50) 227-7572 |
| - José Osorio do Nascimento (48)
287-2185 | 27- Juvenal Antonio Villela (66)
229-5959 |
| 13- Antonio Sergio Cordeiro Delgado
(60) 288-0573 | - Vasco Gomes Moreira (55)
235-6270 |
| | 28- Pedro Vieira de Castro (41)
226-1224 |
| | 29- Henrique Wainer (59) 275-7419 |
| | - Ivan Camargo da Costa (63)
264-1621 |
| | 30- Marisa Vianna Ballariny (52)
551-7308 |

A O S L E I T O R E S

Queremos chamar a atenção que este será o último boletim editado pela atual Diretoria, que geriu os destinos da A³P de março de 1988 a 91.

Muito esforço foi necessário para fazer chegar às mãos dos nossos associados os boletins A³P e queremos destacar das considerações finais do Presidente Fernando E. Barata, no relatório de 1990 da Diretoria, os seguintes trechos:

- "O ano de 1990 foi sobremaneira difícil, em termos econômico-financeiros, para o país, a Engenharia, e a A³P, em particular. Procurou a nossa Diretoria, apesar de tudo, prosseguir nas suas atividades, mantendo acesa a chama da Associação. Assim procedendo com o máximo de providência e economia, conseguimos realizar o seguinte:

- Agregação de novos sócios;
- Edição do Boletim da A³P, com matéria de excelente qualidade e uma feição gráfica idem (aproveitamos, mais uma vez para agradecer aos Autores de trabalhos publicados e ao Editor do Boletim, Eng^o Sergio Henrique Sá Leitão - Vice-Diretor Secretário — cuja dedicação permitiu a elaboração do Boletim);
- Reunião Festiva de fim de ano, com coquetel realizado na Sede da A³P, no dia 17 dezembro 1990, com comparecimento de inúmeros colegas, familiares e amigos da A³P; tal reunião foi um grande sucesso.

Aos nossos prezados Associados, congratulações pelo apoio e compreensão, capazes de sustentar a A³P na sua aspiração de prestar serviço à comunidade dos Ex-alunos da gloriosa e bicentenária Escola Politécnica (atual Escola de Engenharia da UFRJ).

Na expectativa da eleição dos novos dirigentes da A³P, que a conduzirão no próximo triênio, e desejando sucesso na empreitada.

DIRETORIA

Fernando Emmanuel Barata - Presidente; Theophilo Benedicto Ottoni Netto 1º Vice-Presidente; Gregorio Vaisberg - 2º Vice-Presidente; Léo Fabiano Baur Reis - Diretor Administrativo; Diney Tosta de Oliveira - Vice-Diretor Administrativo; Mauro Lucio Guedes Werneck - Diretor Secretário; Sergio Henrique Sá Leitão - Vice-Diretor Secretário; Gerhard Vasco Weiss - Diretor 1º Tesoureiro; Henri Uziel - Diretor 2º Tesoureiro; Margarida Lima - Diretor Técnico-Cultural; Carlos Henrique Camacho - Vice-Diretor Técnico-Cultural; Dirceu Machado Olive - Diretor de Cursos; Laura Corrêa de Sá Freire - Diretor Social; Margarida Maria Mont'Alverne Marti - Vice-Diretor Social.

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS : Antonio Manoel de Siqueira Cavalcanti, Cleofas Paes de Santiago e Romeu de Sá Freire Filho.

SUPLENTE: Darcy Aleixo Derenusson, Fernando Sarto e Heloisa Fraenkel.

CONSELHO DIRETOR

MEMBROS VITALÍCIOS - EX-PRESIDENTES: Leizer Lerne (Presidente de Honra) Durval Coutinho Lobo e Nestor de Oliveira Junior.

SÓCIO BENEMÉRITO: Hélio Mello de Almeida. SÓCIO HONORÁRIO: Mário Antônio Barata.

MEMBROS NATOS: Diretor da Escola de Engenharia: Prof. Claudio Luiz Baraúna Vieira; Presidente do Clube de Engenharia: Hildebrando de Araujo Gões Filho; Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros: Paulo Moreira Pinho e Presidente do Centro Acadêmico da Escola de Engenharia:

MEMBROS ELEITOS: William Paulo Maciel - Presidente; Marcílio Nolding da Motta - Vice-Presidente; Heitor Lisboa de Araujo Costa - Secretário; afonso Henrique de Brito; Akiba Schechtman; Alberto Azevedo Ferrão; Alberto do Amaral Osório; Alcina Koenow Pinheiro; Alexandre Duarte Santos; Cairo da Silva Leite; Carlos Cezar Machado; Carlos Saiboia Monte; Clara Perelberg Steinberg; Eryx Albert Sholl; Flavio Miguez de Mello; Francis Bogossian; Homero Henrique Rosa Rangel; Jacob Steinberg; Jayme Bloch; Marconi Nudelman; Marisa Vianna Ballariny; Octavio Reis de Cantanhede Almeida; Olavo Cabral Ramos Filho; Paulo José Pardal; Samuel Szttyglic; Sophia Machado Portella e Sydney Martins Gomes dos Santos.